

Revista Cerrados (Unimontes)

ISSN: 1678-8346

revista.cerrados@unimontes.br

Universidade Estadual de Montes Claros  
Brasil

Pereira dos Santos, Dulce; Renato Theóphilo, Carlos  
O COMÉRCIO INFORMAL NA ÁREA CENTRAL DE UMA CIDADE MÉDIA: UMA  
ANÁLISE DE MONTES CLAROS (MG)  
Revista Cerrados (Unimontes), vol. 5, núm. 1, enero-diciembre, 2007, pp. 47-62  
Universidade Estadual de Montes Claros

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576963570004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## **O COMÉRCIO INFORMAL NA ÁREA CENTRAL DE UMA CIDADE MÉDIA: UMA ANÁLISE DE MONTES CLAROS (MG)**

Dulce Pereira dos Santos\*  
Carlos Renato Theóphilo\*\*

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é o de obter um entendimento aprofundado sobre a dinâmica complexa do funcionamento e organização das atividades comerciais na área central de Montes Claros, através de uma análise histórica dessa área, enquanto espaço de reprodução do capital e principalmente do comércio informal.

**Palavras-chave:** Centralidade urbana. Comércio informal. Shopping Popular.

**Abstract:** The objective of this work is to obtain a deeper understanding about the complex dynamics of the functioning and organization of the business activities in the central area of Montes Claros, through a historical analysis of this area, as a reproduction of the capital and mainly informal trade.

**Keywords:** Central urban. Informal trade. Popular shopping.

### **Montes Claros e sua localização estratégica**

A contextualização e a caracterização da cidade de Montes Claros são essenciais para discussão e análise da atividade do comércio em sua área central.

Montes Claros é o quinto município mais populoso de Minas Gerais e o primeiro da região Norte de Minas. Situa-se a 418 Km da Capital do Estado – Belo Horizonte e possui uma área total de 3.582 quilômetros quadrados,

---

\* Professora do Departamento de Geociências da Unimontes. Mestre em Desenvolvimento Social pela Unimontes – dulce.santos@unimontes.br

\*\* Professor Titular do Departamento de Contabilidade Unimontes. Doutor em Controladoria e Contabilidade pela USP – crtheophilo@uol.com.br

sendo 97 quilômetros quadrados de área urbana e 3.485 quilômetros quadrados de área rural. Montes Claros conta com uma população total de 342.586 habitantes (IBGE, 2005). Como escreveu Pereira (2004), Montes Claros é o único município da região com população superior a 100 mil habitantes, o que permite classificá-lo como um município de médio porte, segundo critérios do IBGE.



Mapa 1 - Minas Gerais/Norte de Minas. Localização do município de Montes Claros  
FONTE: PEREIRA, 2005

Com a expansão do número de cidades no Norte de Minas, 89 (oitenta e nove) municípios (PEREIRA, 2004), Montes Claros tornou-se o centro mais desenvolvido da região. Atualmente, Montes Claros se destaca pelo desenvolvimento econômico proporcionado por conta da indústria têxtil, alimentícia, farmacêutica, do comércio e da prestação de serviços. Merece destaque o papel dos centros de ensino superior como a Universidade Estadual de Montes Claros e os serviços de saúde. Os quatro hospitais existentes na cidade são referência para toda a região.

Montes Claros possui também a maior renda per capita e o maior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) da região Norte de Minas Gerais, R\$ 245,43 e 0,783 respectivamente (IPEA, 2002). Todas essas características tornam-se fatores de atração demográfica.

### **A importância da atividade comercial em Montes Claros**

Em um breve resgate histórico, verifica-se a importância que as atividades comerciais exercem na área urbana desde o surgimento do primeiro povoado que deu origem à cidade.

De fazenda de gado à Vila das Formigas, Montes Claros teve sua origem relacionada à caminhada dos Bandeirantes pelo Sertão Mineiro que, seduzidos pela esperança de conquistarem riquezas, aqui se fixaram construindo fazendas, que mais tarde se transformariam em cidades.

Segundo Braga (1985), a dotação de recursos naturais, de um lado, e o rigoroso fluxo de demandas originado na região das minas em franca expansão, do outro, estabeleciam parâmetros propícios a um rápido povoamento e desenvolvimento da região. Aliado a isso, acrescentam-se as estradas construídas por Antônio Gonçalves Figueira. Inicialmente, uma estrada ligando uma de suas propriedades à Tranqueira, na Bahia, passando por sua fazenda de Brejo Grande, no extremo setentrional de Minas. Conectou, em seguida, Montes Claros com o São Francisco, na região onde se haviam fixado Matias Cardoso e sua gente, depois, com o rio das Velhas, e as cidades de Sabará, Pitangui e Serro, no coração da zona mineradora. Isso tudo fez com que Montes Claros se tornasse o maior centro comercial de gado na região Norte de Minas.

O setor terciário, do qual o comércio faz parte, destaca-se em Montes Claros desde o início do Século XVIII. Segundo Paula (1980), o comércio foi a mola real do pequeno arraial de Formigas, a razão principal de seu desenvolvimento extraordinário em relação às povoações vizinhas. Pereira e Leite (2005b, p.75) acrescentam que “[...] já no século XIX Montes Claros era conhecida como a capital do sertão mineiro, se destacando no cenário regional pela intensa função comercial que desempenhava.”

Com a chegada do Trem de Ferro em Montes Claros em 1926, houve uma aceleração do setor comercial da cidade, pois facilitou a ligação com outras localidades, além de constituir um meio de transporte tanto de pessoas como de mercadorias, impulsionando o desenvolvimento da região. Dessa forma, constitui-se um marco de implantação e expansão do comércio, pois Montes Claros tornou-se um ponto de passagem obrigatório para a Região Nordeste (LESSA, 1993).

Devido à sua localização geográfica e o crescimento do sistema viário, Montes Claros é hoje considerada um entroncamento rodoviário<sup>1</sup>, o que lhe propicia uma posição de destaque no espaço regional e nacional.

---

<sup>1</sup> O Plano Rodoviário Nacional classificou a cidade de Montes Claros como o 2º entroncamento rodoviário do país – Sítio eletrônico da Prefeitura Municipal de Montes Claros (2007).

### **Processos de exclusão e desigualdade sócio-espaciais**

Assim, como outras cidades de porte médio, Montes Claros convive com profundos processos de exclusão e desigualdade sócio-espaciais que se constituem em entraves para o desenvolvimento. Por ser considerada centro regional e desempenhar um importante papel na região, recebe migrantes de várias outras cidades. Pereira e Almeida (2002, p. 19) ressaltam que “Montes Claros absorve os migrantes da região Norte e Noroeste de Minas e de parte do sul da Bahia, em função do seu papel de centro regional.”

Esses migrantes se deslocam para Montes Claros à procura de melhores condições de vida, o que inclui principalmente conseguir um emprego, mas muitas dessas pessoas não são absorvidas pelo mercado de trabalho. Assim é possível verificar em Montes Claros um aumento significativo da informalidade.

Verifica-se nessa cidade, a expansão de atividades urbanas instáveis e precárias, como a informalidade do setor de serviços e a favelização alterando a paisagem urbana. Essa cidade expressa, na atualidade, as profundas desigualdades existentes na sociedade brasileira, simbolizando não mais apenas a modernização, o lado avançado de uma região pobre, mas também a marginalidade, a segregação sócio-espacial, a degradação ambiental e a violência (PEREIRA, 2004, p. 27).

Assim, em Montes Claros a oferta de mão-de-obra passou a ser maior que a de empregos, o que contribui para que o fenômeno da informalidade esteja presente em todos os pontos da cidade, configurando-se como uma oportunidade de emprego e até mesmo de subsistência para uma grande maioria, pois um elevado percentual da população montesclarenses que crescia em função do processo migratório e que não se enquadrava como mão-de-obra para as indústrias teve de buscar uma ocupação que proporcionasse a sobrevivência.

Este é um dos mais significativos sintomas de exclusão que, no entanto, não ocorre isoladamente e, correlatos a ela, estão o baixo nível de escolaridade, o desemprego ou o subemprego e mesmo o emprego mal remunerado. Parte da população não possui renda suficiente para pagar o seu aluguel e muito menos comprar um imóvel; na sociedade de classes verificam-se diferenças sociais no que se refere ao acesso de bens e serviços produzidos socialmente (CORRÊA, 1995, p.29).

Essa situação de desemprego e subemprego elevou-se, principalmente depois do agravamento do setor industrial, que se encontra parcialmente desativado, em função da ausência de incentivos governamentais, culminando no crescimento do setor informal. O índice de indústrias que migrou para outras regiões em busca dos ditos incentivos é muito elevado, deixando

no município um grande número de galpões desocupados que chegam a receber a denominação local de “cemitério industrial”<sup>2</sup>.

O processo de exclusão social retrata a questão de que hoje já não se pode mais confundir crescimento com desenvolvimento. A cidade cresceu, mas o seu desenvolvimento está muito aquém do ideal. Como observa Esteva (2000), qualquer processo de crescimento que não leve à satisfação das necessidades básicas, ou pior, que prejudique essa satisfação, é uma imitação grotesca da noção de desenvolvimento.

Ao se rediscutir o conceito de desenvolvimento social aplicado à cidade de Montes Claros, verifica-se que, segundo Pereira e Leite (2005a), a estratégia desenvolvimentista viabilizada pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE - contribuiu para a formação de novas espacialidades sem, contudo, alterar o quadro de exclusão social e o baixo padrão de vida da população.

Costa (2004), por sua vez, também afirma que em Montes Claros se dá a implantação de atividades industriais intensivas em capital, pouco absorvedoras da mão-de-obra regional migrada para a cidade, formando um imenso exército de reserva de trabalhadores que força os salários para baixo. O autor conclui sua interpretação afirmando que o emprego que era a principal necessidade da população não se verificou, pois um número elevado de habitantes da cidade permaneceu ou permanece desempregado ou subempregado.

Em Montes Claros o processo de urbanização foi acelerado e desordenado, conforme mostram os dados a seguir.

Tabela 1 - Montes Claros – evolução da população urbana – 1960/2000

ANO	POPULAÇÃO URBANA	POPULAÇÃO RURAL	TOTAL
1960	43.097	59.020	102.117
1970	85.154	31.332	116.486
1980	155.483	22.075	177.558
1991	250.573	30.969	281.545
2000	289.183	17.764	306.947

FONTE: IBGE. Censos demográficos.

---

<sup>2</sup> Termo usado para fazer referência ao grande número de indústrias desativadas no Distrito Industrial de Montes Claros – MG.

A Tabela 1 evidencia ainda que a maior parte da população de Montes Claros vive na cidade. Conseqüentemente, os desempregados ou subempregados concentram-se em sua maioria na área urbana, daí a estreita relação existente entre espaço urbano e informalidade.

### **O comércio informal em Montes Claros**

Os processos de exclusão sócio-espaciais refletiram na elevação do número de ambulantes que se instalaram na área central da cidade, ocupando espaços destinados a outros tipos de uso. O tipo de comércio que se estabeleceu tem origem na compra clandestina de produtos de origem asiática que, dentro da concepção globalizadora, atendem de imediato às condições financeiras da população carente, a qual, segundo Santos (2003), vive a fábula da informação condicionada pela mídia.

A disseminação do comércio/trabalho informal na área central de Montes Claros através dos camelôs e ambulantes começou em meados da década de 1980, considerada a década perdida pelos altos índices de inflação e baixo crescimento econômico. Esse comércio informal territorializou-se em duas grandes áreas: praça Doutor Carlos Versiane e a Avenida Coronel Joaquim Costa.

A praça Doutor Carlos, por ser a área de convergência do centro principal, e a ocupação da Avenida Coronel Joaquim Costa ocorreu depois da mudança do Mercado Municipal, que antes funcionava naquela área, para a Avenida Deputado Esteves Rodrigues; alguns comerciantes sob o pretexto de que teriam prejuízos nas vendas no novo mercado preferiram ali se estabelecerem, comercializando diversos tipos de produtos.

Dessa forma, a região central começou a apresentar um aumento desmesurado da geração de resíduos sólidos, oriundos principalmente do comércio ambulante, dado a sua expansão, não acompanhado pelas políticas públicas municipais até então, culminando na destruição quase total da praça Dr. Carlos Versiane, que ocupa posição de destaque por se localizar na porção central onde polariza todo o comércio.

Nesse espaço urbano, o fenômeno da informalidade se intensificou, confirmando uma apropriação da área por aqueles que, de certa forma, estão excluídos do mercado formal de trabalho. Sobre esse assunto, o espaço urbano nas cidades capitalistas, observa-se que:

É no espaço urbano que se reproduz a contradição. É, sobretudo, a divisão social do trabalho que diferencia o campo da cidade e que joga quem foi expropriado de seus meios de vida na convivência com os que se apropriam do espaço. É, portanto, teia viva de relações sociais e, no caso da cidade orgulhosamente capitalista, é também expressão ime-

diata de uma forma de exploração social e econômica (CARLOS, 1997, p.28).

A área central da cidade vista como uma teia viva de relações sociais sempre teve uma vocação para o comércio:

Percebemos também que os projetos de urbanização da cidade estavam, em sua maioria, voltados para a parte central da cidade, especificamente em volta das praças Doutor Carlos e Matriz, onde de fato se encontravam as residências e os comércios dos “coronéis” e “doutores” da cidade (BRITO, 2002, p. 78).

A praça Doutor Carlos Versiane foi construída em 1917, sendo que as maiores casas comerciais da cidade estavam localizadas no entorno dessa praça. Até hoje ela ainda não perdeu essa característica de polarizar o comércio da área central. O local onde funciona o Shopping Popular já foi o Mercado da cidade, considerado uma construção imponente onde se comercializava de tudo um pouco.

Vale ressaltar que, nos arredores do mercado, pessoas de várias localidades se reuniam para comprarem e venderem, ao mesmo tempo. Assim, surgiram os estabelecimentos comerciais denominados de “secos e molhados” (produtos alimentícios, armazéns, armarinhos e lojas onde se vendia de tudo). A figura a seguir ilustra um pouco toda essa movimentação.



Figura 1 - Mercado Municipal de Montes Claros na Praça Dr. Carlos Versiane (hoje Shopping Popular)

FONTE: Disponível em: <[www.montesclaros.com](http://www.montesclaros.com)>. Acesso em: jan. 2007.



Segundo Matos (1996), no calçadão da parte de trás do mercado, onde os feirantes amarravam os animais, havia tanto movimento que até poderia ser considerada uma central de compras da época.

A figura a seguir mostra a quantidade de animais que ficavam amarrados atrás do mercado, enquanto seus donos comercializavam.



Figura 2 - A boiada no fundo do Mercado Antigo

FONTE: Disponível em <[www.montesclaros.com](http://www.montesclaros.com)> . Acesso em jan. 2007

Em 1967, o mercado foi demolido e o local transformou-se em um estacionamento de veículos denominado “Cimentão”. Além de ocupar uma grande área, essa atividade é considerada de baixo retorno econômico o que caracteriza uma subutilização do espaço. Depois foi construído no local o Shopping Popular, inaugurado em março de 2003.

As fotografias a seguir mostram como esse espaço da área central de Montes Claros passou por vários processos de ocupação, sempre voltados para atividades comerciais. Mercado, área de estacionamento e atualmente o Shopping Popular.



Figura 3 - Mercado Antigo, 1944

FONTE: Disponível em <[www.montesclaros.com](http://www.montesclaros.com)> . Acesso em jan. 2007



Local onde foi demolido o mercado, hoje, estacionamento mal aproveitado, ocupando a área mais nobre da cidade de Montes Claros

Figura 4 - Praça do Cimentão - 1997

FONTE: Acervo sob custódia DPDOR/Unimontes.



Figura 5 - Shopping Popular Mário Ribeiro Silveira - 2006 - Montes Claros - MG  
FONTE: Disponível em <[www.montesclaros.com](http://www.montesclaros.com)> . Acesso em jan. 2007

### **A centralização e a descentralização das atividades comerciais em Montes Claros**

A cidade de Montes Claros, como qualquer outra cidade capitalista, caracteriza-se por diferentes usos do espaço urbano e, segundo Corrêa (1995), são esses usos que definem áreas como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão. Segundo Pereira e Leite:

O conhecimento empírico da cidade de Montes Claros deixa evidente uma situação de uso misto generalizado, dando a impressão de que as atividades não residenciais urbanas encontram-se combinadas com as residenciais. Entretanto, quando se analisa com mais atenção as formas de apropriações e usos que se valoram de maneira diferenciada, os movimentos e os fluxos existentes no espaço urbano percebe-se que este é, simultaneamente, segmentado e articulado (PEREIRA; LEITE, 2005a, p. 3).

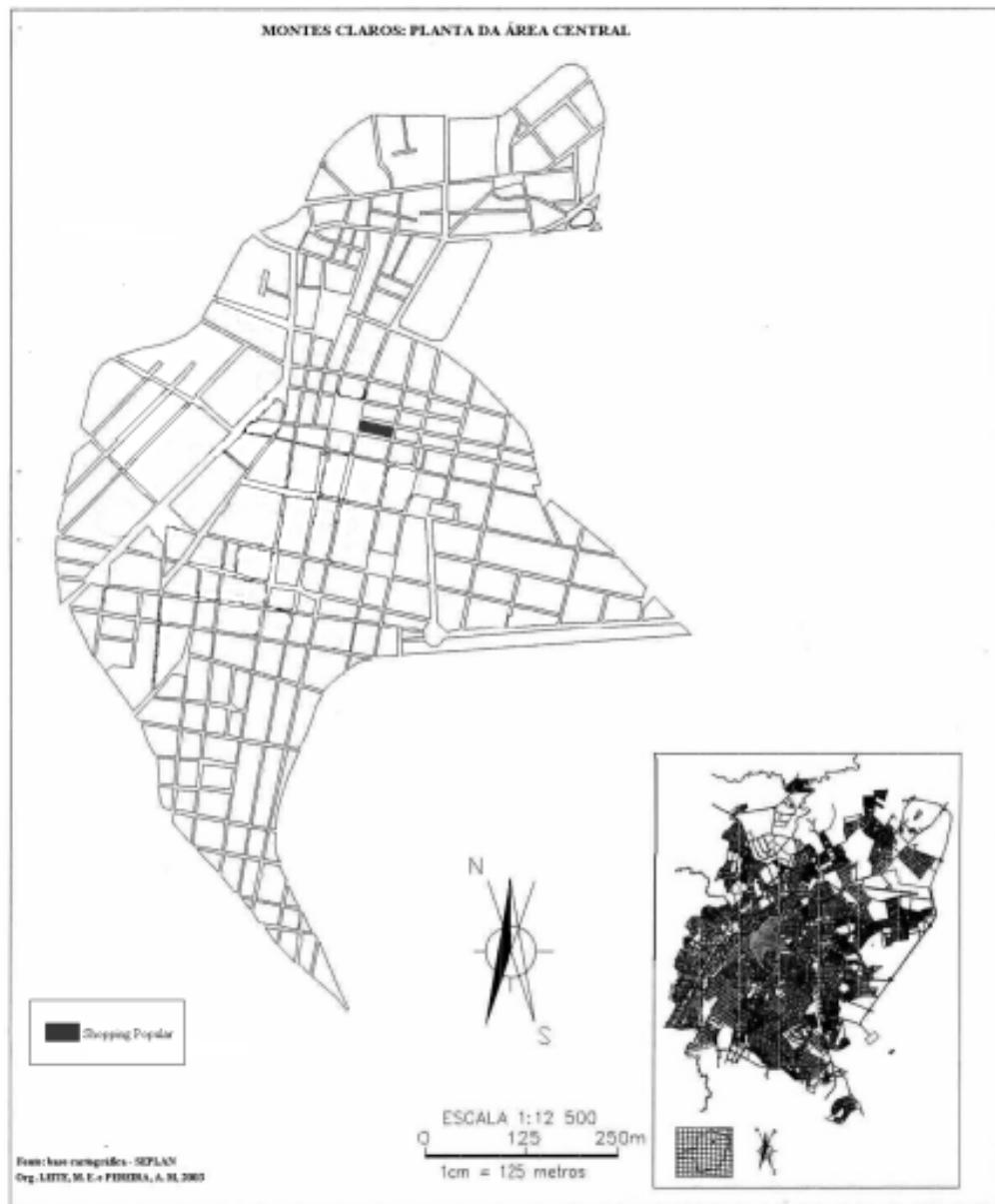
O centro de Montes Claros é resultante de dois processos espaciais explicitados por Corrêa (2001): centralização e descentralização. A centralização, segundo ele, é onde se concentram as principais atividades comerci-

ais e de serviços, bem como os terminais de transportes interurbanos e intra-urbanos. A descentralização é um processo mais recente que o da centralização e visa diminuir a excessiva centralização que causa alguns problemas espaciais e econômicos, a saber: aumento constante do valor da terra, impostos e aluguéis, afetando certas atividades que perdem capacidade de se manterem localizadas na área central; congestionamento e alto custo do sistema de transportes e comunicações que dificulta e onera as interações entre firmas; dificuldade de obtenção de espaço para expansão; restrições legais implicando na ausência de controle do espaço; ausência ou perda de amenidades, afetando atividades e população de alto *status*.

Assim, percebe-se que a descentralização na cidade de Montes Claros está relacionada ao crescimento dela, tanto demográfica quanto espacialmente, e que alguns atrativos contribuíram para incentivar esse processo, conforme destaca Corrêa (2001, p. 126):

- terras não-ocupadas, a baixo preço e impostos;
- infra-estrutura implantada;
- facilidades de transportes;
- qualidades atrativas do sítio, como topografia e drenagem;
- amenidades físicas e sociais;
- mercado mínimo capaz de suportar a localização de uma atividade descentralizada.

A área central de Montes Claros representa um lugar irradiador de negócios, comércios e sociabilidade, sendo também nessa área que está o foco de transportes intra-urbanos, ou seja, o centro comercial serve como corredor de tráfego dos ônibus coletivos, recebendo-os e distribuindo-os, contando com inúmeros pontos de paradas, em especial na praça Doutor Carlos Versiane, o que faz dessa região central uma área atrativa para as atividades de comércio e de serviços. Dessa forma, os valores da terra urbana aí localizadas são elevadíssimos o que remete novamente ao espaço ocupado pelo Shopping Popular ser considerado um dos metros quadrados mais caros, se não o mais caro da cidade.



Mapa 2 - Área Central de Montes Claros - MG: localização do Shopping Popular Mário Ribeiro da Silveira

FONTE: Base Cartográfica - SEPLAN - MG. Organização: PEREIRA; LEITE (2005b)

A instalação do Shopping Popular no centro comercial de Montes Claros representa um novo viés dado à questão da descentralização geográfica da função comercial, ou seja, há uma tendência nas cidades médias do porte de Montes Claros de ocorrer uma descentralização dessas atividades. Aqui o desenvolvimento urbano/comercial seguiu as duas vias: descentralização e

centralização, principalmente no que se refere aos circuitos da informalidade.

Até o final da década de 1980, a área central da cidade atendia aos dois tipos de usos: residencial e comercial. Hoje, prevalece o uso comercial e predominam as atividades como o comércio varejista e, segundo Corrêa (2001, p. 121), “[...] essas atividades se destacaram porque conseguiram transformar acessibilidade em lucro, ou seja, estão localizadas em áreas onde a movimentação das pessoas é muito grande.”

De acordo com Corrêa (2001), a área central constituía e ainda constitui, para muitas atividades, uma localização ótima, racional, que permitiria uma maximização de lucros e, segundo Castells (1983), o centro é o espaço que permite, além das características de sua ocupação, uma coordenação das atividades urbanas, uma identificação simbólica e ordenada dessas atividades e, daí, a criação das condições necessárias à comunicação entre os atores.

Comunicação essa que pode envolver, segundo Santos (2002), atores hegemônicos e hegemônicos<sup>3</sup>, ou seja, a espacialidade do comércio e a produção/reprodução do espaço urbano acontecem de forma coletiva, através de diferentes agentes produtores que, de acordo com Corrêa (1995), são: proprietários fundiários, construtores, imobiliárias, grupos sociais excluídos e principalmente o Estado. Esses agentes produtores do espaço urbano agem de acordo com a orientação do modo de produção capitalista. Portanto, pode-se dizer que há uma atuação do poder público na implementação de infra-estrutura que propiciará as relações capitalistas, mesmo quando se tratar de trabalhadores informais que estão incluídos de forma precária no mercado de trabalho.

Talvez ainda seja um pouco cedo para afirmar que a área central de Montes Claros passou por um processo de revitalização e inclusão ao mesmo tempo. Inclusão no sentido de que o centro não pode ser um lugar exclusivo das elites (aqueles que detêm o poder econômico), pois também seria o lugar de resistência, sobrevivência. De acordo com Padre Júlio Lancelloti em entrevista ao Instituto Polis (2006), a cidade deve ser rearranjada com tudo o que tem, não só com o que se deseja e, no caso de Montes Claros, esse rearranjo foi possível com a construção do Shopping Popular, pois ele reterritorializou os camelôs, que haviam sido desterritorializados da praça Doutor Carlos Versiane.

Partindo desse ponto de vista, o Shopping Popular está inserido no circuito comercial da cidade, bem como nos circuitos comerciais da informalidade

---

<sup>3</sup> Milton Santos usa esse termo atores hegemônicos quando se refere aos excluídos, os não excluídos seriam atores hegemônicos.

pelo que permite vender e negociar, dentro do espaço da cidade. Nesse contexto, percebe-se a relação entre economia informal e centralidade urbana, pois, segundo Montessoro (2004), a melhor localização para atividades do setor terciário será onde a circulação de pessoas for bastante intensa, já que estas garantirão o consumo dos produtos e serviços existentes. Assim, esses trabalhadores informais procuram lugares centrais para se estabelecerem. Sobre esse assunto a autora abaixo comenta:

No és uma causalidade que los ambulantes busquem com frecuencia una ubicación central y calles muy concurridas, Los ambulantes suelen oponerse a las tentativas de los gobiernos de desalojarlos de los lugares centrales, o al menos buscan la negociación de compensaciones equivalentes a la “renta” perdida (POLÉSE, 1998, p. 338).

Em Montes Claros, o Shopping Popular teve esse efeito de reforçar a centralidade do centro principal, ou seja, foi projetado pela elite que dominava o poder público e que modificou o cenário urbano da área central sem, contudo, alterar a vocação comercial do centro. E, para o encerramento deste capítulo, reforça-se a idéia de que o centro de Montes Claros, espaço do comércio e também da informalidade, é considerado divergente e convergente ao mesmo tempo.

No interior da cidade, o centro não está necessariamente no centro geográfico, e nem sempre ocupa o sítio histórico onde esta cidade originou, ele é antes de tudo ponto de convergência/divergência, é o nó do sistema de circulação, é o lugar para onde todos se dirigem para algumas atividades e, em contrapartida, é o ponto de onde todos se deslocam para a interação destas atividades aí localizadas com as outras que se realizam no interior da cidade ou fora dela. Assim, o centro pode ser qualificado como integrador e dispersor ao mesmo tempo (SPÓSITO, 1991, p. 6).

Assim, fica mais fácil entender a importância da localização do Shopping Popular. Ele está inserido em uma área comercial dinâmica, de fácil acesso e onde o fluxo de pessoas é elevado, tudo que o comércio informal precisa para se estabelecer. O Shopping Popular, construído para abrigar o comércio dos camelôs, tem uma dimensão organizacional informal, se consolida como alternativa de trabalho, ou seja, de sobrevivência para uma parcela de excluídos que passam a integrar este setor da economia, refletindo a questão da desigualdade social do espaço urbano capitalista expressa no acesso desigual aos recursos básicos da vida.

Enfim, as atividades comerciais na área central de Montes Claros oferecem certa dificuldade para análise, por lá ser um ponto onde se encontram todas as camadas sociais.

## REFERÊNCIAS

- BERTOLUCCI, Fábio Luiz. *Da “cocada ao tênis nike”*: Um breve perfil da informalidade no núcleo central da cidade de Uberlândia/MG. Uberlândia, 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, UFU, 2005.
- BRAGA, Maria Ângela Figueiredo. *Industrialização da área mineira da SUDENE [manuscrito]*: um estudo de caso/João Pessoa. [s.n.]. 1985. 134 f.
- BRITO, Gy Reis Gomes de. *Na terra dos coronéis*: progresso para quem? Estreps e pelados na construção do progresso na cidade de Montes Claros (1917-1926). Montes Claros, 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2002.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A cidade*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Trajetórias geográficas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- COSTA, João Batista de Almeida. *Tomando alhos por bugalhos*: o decantado desenvolvimento do norte de Minas. Montes Claros: Universidade Estadual de Montes Claros, I Fórum sobre Desenvolvimento Social, 2004 (mimeo).
- ESTEVA, Gustavo. Desenvolvimento. In: SACHS, Wolfgang. (Org.). *Dicionário do desenvolvimento*. Guia para o conhecimento como poder. Petrópolis: Vozes, 2000.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 04 maio 2005.
- \_\_\_\_\_. População estimada de Montes Claros, 01 jul. 2005. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidades>>. Acesso em jul. 2005.
- IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Atlas de desenvolvimento humano. 2002. Disponível em: <[www.ipea.gov.br](http://www.ipea.gov.br)>. Acesso em: 03 jul. 2006.
- LANCELLOTTI, Júlio. Entrevista a Fábio Brandt. Instituto Polis, São Paulo, 11 abr. 2006.
- LESSA, Simone N. *Trem de ferro*: do cosmopolitismo ao sertão. Campinas, 1993. Dissertação (Mestrado) - Departamento de História/IFCH/Unicamp, 1993.
- MATOS, Gisele Alves de, et al. *Evolução histórica e espacial da atividade comercial em Montes Claros*. Montes Claros/MG, 1996. Monografia, UNIMONTES, 1996.
- MONTES CLAROS. Disponível em <[www.montesclaros.com](http://www.montesclaros.com)>. Acesso em jan. 2007.



MONTESSORO, C. C. L da. *Economia informal e centralidade urbana: a difusão dos novos espaços de consumo na área central de Anápolis-GO*. Presidente Prudente, 2004. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista - UNESP, 2004.

PAULA, Hermes Augusto de. *Montes Claros: sua história, sua gente, seus costumes*. Belo Horizonte: Minas Gráfica Editora Ltda., 1980.

PEREIRA, Anete Marília. A propósito das cidades médias: considerações sobre Montes Claros-MG. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE CIDADES MÉDIAS, 2005 – Presidente Prudente. *Anais...* Presidente Prudente: UNESP - Universidade Estadual de São Paulo. 2005. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. A urbanização do sertão norte-mineiro: algumas reflexões. In: PEREIRA, Anete Marília; ALMEIDA, Maria Ivete Soares de. *Leituras geográficas sobre o norte de Minas Gerais*. Montes Claros: Editora Unimontes, 2004.

PEREIRA, Anete Marília; ALMEIDA, Maria Ivete Soares. *Problemas ambientais e qualidade de vida na cidade de Montes Claros: a percepção da população*. Montes Claros: Unimontes, 2002. Relatório técnico de pesquisa.

PEREIRA, Anete Marília; LEITE, M. E. A expansão urbana de Montes Claros a partir do processo de industrialização. In: PEREIRA, Anete Marília; ALMEIDA, Maria Ivete Soares de. *Leituras geográficas sobre o norte de Minas Gerais*. Montes Claros: Editora Unimontes, 2004.

\_\_\_\_\_. Expansão urbana de Montes Claros e a questão da centralidade: Notas para reflexão. In: ENCONTRO REGIONAL DE GEOGRAFIA - Região e lugares: novos tempos, outros desafios, 5, 2005, Montes Claros. *Anais...* Montes Claros: Departamento de Geociências, 2005a, CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Expansão territorial e os espaços de pobreza na cidade de Montes Claros. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10, 2005, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Universidade de São Paulo, 20 a 26 de março de 2005b.

POLÉSE, Mário. *Economia urbana y regional: introducción a la relación entre territorio y desarrollo*. Cartago: LUR/BUAP/GIM, 1998.

PREFEITURA DE MONTES CLAROS. Disponível em <<http://www.montesclaros.mg.gov.br/>>. Acesso em: 16 jan. 2007.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: EDUSP, 2002.

\_\_\_\_\_. *Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. *Revista de Geografia*, São Paulo, Unesp, n. 10, 1991.